

NIA

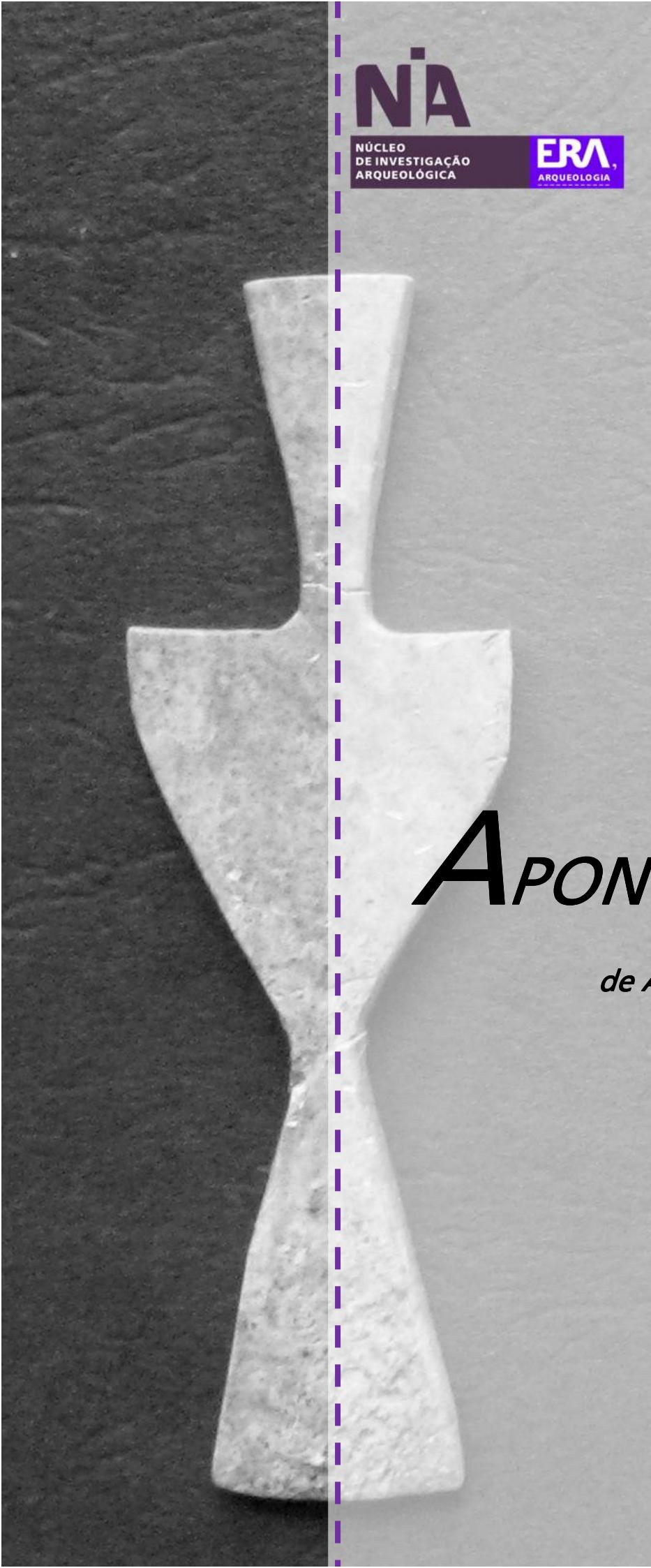
NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA,
ARQUEOLOGIA

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

OUT 2012



8

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA**

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Outubro de 2012**

Capa: “Ídolo Almeriense” proveniente dos Perdigões.

(António Valera)

Contactos e envio de originais:

antoniovalera@era-arqueologia.pt

Os originais deverão ter um máximo de dez páginas A4, dactilografadas a um espaço (letra Arial, tamanho 10), incluindo referências bibliográficas. Imagens são entregues à parte, juntamente com resumo em inglês (ou português se a língua do texto for outra – inglês, francês ou castelhano).

Revista online.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.



ÍNDICE

EDITORIAL	05
Helmut Becker e António Carlos Valera LUZ 20 (MOURÃO, ÉVORA): RESULTADOS PRELIMINARES DA PROSPEÇÃO GEOFÍSICA (MAGNETOMETRIA DE CÉSIO)	07
Helmut Becker, António Carlos Valera e Patrícia Castanheira MONTE DO OLIVAL 1 (FERREIRA DO ALENTEJO, BEJA): MAGNETOMETRIA DE CÉSIO NUM RECINTO DE FOSOS DO 3º MILÉNIO AC.	11
António Carlos Valera “ÍDOLOS ALMERIENSES” PROVENIENTES DE CONTEXTOS NEOLÍTICOS DO COMPLEXO DE RECINTOS DOS PERDIGÕES.	19
António Carlos Valera e Victor Filipe A NECRÓPOLE DE HIPOGEUS DO NEOLÍTICO FINAL DO OUTEIRO ALTO 2 (BRINCHES, SERPA)	29

Cláudia Costa e Nelson Cabaço
ASSOCIAÇÃO DE RESTOS DE ANIMAIS VERTEBRADOS
A CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA PRÉ-HISTÓRIA
RECENTE: O CASO DO OUTEIRO ALTO 2 43

Cláudia Cunha
CARACTERIZAÇÃO DA MORFOLOGIA DENTÁRIA NO
MÉDIO GUADIANA NO NEOLÍTICO FINAL-CALCOLÍTICO.
FUNDAMENTAÇÃO PARA O MAPEAMENTO MORFOLÓGICO
DAS POPULAÇÕES LOCAIS NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE 49

Tiago do Pereiro e Nuno André Coelho Gomes
NOTÍCIA PRELIMINAR SOBRE A DESCOBERTA
DE ARTE RUPESTRE NO VALE DAS BURACAS
(CASMILLO, COIMBRA) 57

Rui Ramos e Inês Simão
EIRA VELHA: UMA ESTAÇÃO VIÁRIA ROMANA
NA PERIFERIA DE CONIMBRIGA 63



EDITORIAL

Vinte meses depois do último volume (interregno grande para os objetivos que nortearam o aparecimento da revista), a *Apontamentos de Arqueologia e Património* vê editar um novo volume, o oitavo em cinco anos.

Num momento de grandes dificuldades, como é aquele que (quase) todos vivemos, é difícil perceber se a perseverança reflete simplesmente a inconsciência ou a recusa psicológica de um fim inexorável, qual *Crepúsculo dos Deuses*, ou se, pelo contrário, é ainda condição de sobrevivência de um caminho iniciado com objetivos bem definidos.

A consciência do dilema, porém, dota as nossas práticas de intenção. Confere-lhes, de facto, um estatuto de opção e, sobretudo, demonstra o valor que lhes atribuímos, pois as mantemos em tempos de adversidade.

A continuidade da *Apontamentos* reflete, pois, uma postura face ao que é, efetivamente, a razão de ser da Arqueologia: a produção e partilha de conhecimento. Na medida das nossas possibilidades, que terão sempre um contexto, continuaremos a publicar e a proporcionar condições de publicação.

António Carlos Valera

ASSOCIAÇÃO DE RESTOS DE ANIMAIS VERTEBRADOS A CONTEXTOS FUNERÁRIOS DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE: O CASO DO OUTEIRO ALTO 2 *

Cláudia Costa
Nelson Cabaço

Resumo:

Nesta contribuição os autores apresentam os resultados do estudo da fauna de animais mamíferos associados aos contextos funerários da do Núcleo B do Outeiro Alto 2 (Serpa), quer em hipogeus como em fossas. Os taxones identificados são *Sus* sp. e *Bos* sp. revelando uma representação anatómica preferencial de ossos dos membros dianteiros.

A associação faunística nos hipogeus 62 e 65 encontra paralelos nos rituais observados em Torre Velha 3, Belmeque e Montinhos 6, também datados da Idade do Bronze e na mesma região: disfises de rádio isoladas de animal de tamanho compatível com bovídeo. O ritual observado na fossa 53 é particular e ainda exclusivo deste sítio arqueológico, onde um conjunto de ossos desarticulados foram depositados directamente sobre o corpo humano.

Abstract:

In this paper the authors present the study of the faunal assemblage associated to the funerary Bronze Age contexts of Nucleus B of Outeiro Alto 2 (Serpa), both *hipogea* and pits. The taxa are *Sus* sp. and *Bos* sp. revealing an anatomical representation mainly composed by bones of the fore limbs.

The faunal association in *hipogea* 62 and 65 is similar to the rituals observed in *hipogea* from Torre Velha 3, Belmeque and Montinhos 6, also from Bronze Age, and at the same region: isolated radius diaphysis from an animal compatible to bovid. The ritual observed in pit 53 is particular and still exclusive of this site, where a set of disarticulated bones are deposited directly on the human body.

1. Introdução

O sítio do Outeiro Alto 2 (Valera e Filipe, 2010, Valera *et al.*, no prelo) foi identificado e intervencionado durante os trabalhos da ERA-Arqueologia realizados no âmbito da minimização de impactes resultantes dos trabalhos de construção da rede de rega da barragem de Alqueva promovidos pela EDIA S.A. (bloco de Brinches, Serpa).

O sítio situa-se num cabeço com o topónimo de Outeiro Alto, localizado a Este da povoação de Pias no concelho de Serpa. É caracterizado por quatro núcleos compostos por estruturas negativas, que se dividem entre fossas, hipogeus e um recinto de fosso sinuoso datado do período Calcolítico. Embora ainda não estejam disponíveis datações absolutas, propõe-se como cronologia de ocupação do sítio entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze.

As práticas funerárias encontravam-se atestadas pela utilização individual ou colectiva de hipogeus, com deposições primárias e/ou secundárias, mas também de algumas fossas.

Os contextos funerários atribuídos ao Neolítico Final são hipogeus idênticos aos identificados na necrópole contemporânea da Sobreira de Cima, quer a nível arquitectónico quer em termos rituais (Valera e Filipe, 2010). Os contextos funerários da Idade do Bronze são hipogeus com inumações individuais e colectivas e algumas fossas (Valera e Filipe, *op. cit.*). Estes contextos encontram paralelos arquitectónicos e rituais nos hipogeus também da Idade do Bronze da Torre Velha 3 (Alves *et al.*, 2010) e Montinhos 6 (Baptista *et al.*, no prelo).

Como parte do ritual funerário encontravam-se associações faunísticas, quer nas estruturas datadas do Neolítico Final quer nos contextos mais recentes atribuídos à Idade do Bronze. As faunas provenientes dos contextos funerários mais antigos encontram-se ainda em tratamento. A presente contribuição pretende apresentar o resultado do estudo efectuado aos restos faunísticos associados aos contextos funerários da Idade do Bronze, identificados no Núcleo B: fossas 48, 53 e 58 e hipogeus 62 e 65.

* – Trabalho desenvolvido no âmbito do projecto PTDC/HIS-ARQ/114077/2009 (Funerary practices in Alentejo's Recent Prehistory and socio-economic proceeds of heritage rescue projects), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Temático Factores de Competividade (COMPETE) e com participação pelo Fundo Comunitário Europeu (FEDER).

2. Descrição das faunas

Na fossa 48, com um único enterramento, foi identificado um conjunto de ossos de micro-fauna não determinada, cuja presença deverá ser interpretada como intrusiva e não propriamente relacionada com a deposição intencional em contexto funerário.

A fossa 53 apresentava o enterramento de um indivíduo em decúbito ventral com os membros inferiores posicionados obliquamente. Os restos de fauna constituíam o único espólio votivo associado e encontravam-se depositados desarticulados na maioria directamente sobre a zona lombar do esqueleto (Filipe, 2010). O conjunto é constituído por elementos de dois taxa: *Sus* sp. e *Bos* sp. (suíno e bovídeo respectivamente). Conforme se poderá observar no Quadro 1, o conjunto pertencente a suíno é o mais numeroso e é constituído por restos cranianos e elementos dos membros superiores como fragmentos de escápulas e úmero esquerdo (Figuras 1 e 2). A mandíbula apresentava o 3º molar ainda em erupção o que segundo Rowley-Conwy (1993) terá início entre os 17 e 18 meses de idade no caso dos porcos domésticos e, segundo Matschke (1967), acontece entre os 23 e os 26 meses no caso dos javalis (citado em Bridault *et al.*, 2000). O conjunto atribuído a *Bos* sp. é constituído por um fragmento de úmero e um pisiforme completo. Foram ainda identificados restos de costelas, de crânio e de escápula compatível com animal de médio porte.

A fossa 58 é um contexto funerário colectivo onde se detectaram quatro enterramentos humanos em posição fetal, mas igualmente sem espólio arqueológico associado. Os restos faunísticos resumem-se a restos de coelho (*Oryctolagus cuniculus*) como uma parte proximal de tíbia, um astrágalo e uma 1ª falange. Este espólio tem origem num estrato arqueológico superior ao nível de enterramentos, acumulado intencionalmente (Filipe, 2010), pelo que a associação destes restos faunísticos aos contextos funerários poderá ser discutível, na medida em que poderá ser parte integrante do sedimento à altura do depósito na fossa.

No interior do hipogeu 62 foi detectado um enterramento individual de humano em posição fetal com espólio arqueológico associado constituído por cerâmica e um punhal de metal (Filipe, 2010). Juntamente com este conjunto votivo, localizado perto do crânio do indivíduo, foi recolhida uma diáfise de rádio de animal de grande porte não identificável. O elemento encontrava-se com as superfícies erodidas, mas pouco meteorizadas (num estádio inicial da formação de fissuras). Foi ainda detectado um conjunto constituído por fragmentos de ossos longos diversos, de reduzidas dimensões, alguns com superfícies erodidas, cuja associação aos níveis funerários poderá não ser intencional, mas parte integrante dos sedimentos que cobrem as deposições (Figura 3).

No hipogeu 65 foi igualmente identificado um enterramento de um indivíduo em posição fetal com espólio arqueológico associado depositado junto aos membros inferiores, entre os quais se contava uma diáfise de rádio de animal de grande

porte não determinado. Este elemento apresentava as superfícies com um grau de meteorização avançado (estádio 4 de meteorização de Behrensmeyer, 1978), o segundo mais severo numa escala de seis estádios. A meteorização nos elementos esqueléticos é um processo que resulta da degradação da componente mineral e orgânica do elemento causando desidratação, esfoliação e por fim desintegração, por acção da exposição aos agentes atmosféricos. Esta circunstância parece apontar para a eventualidade deste elemento específico ter uma história tafonómica diferente dos restantes elementos que compõem o contexto funerário, nomeadamente o esqueleto de indivíduo humano. Ou seja, em comparação, este elemento parece ter estado mais prolongadamente exposto aos agentes atmosféricos que os restantes elementos que se encontram no contexto funerário, o que permite sugerir que o rádio de *Bos* sp. tenha sido integrado no contexto depois de estar seco.

3. Associações faunísticas e seu significado

Os dados agora disponibilizados evidenciam a associação de restos de animais mamíferos a enterramentos individuais, em particular dois taxa: suíños e bovinos, uma vez que as restantes espécies identificadas não parecem evidenciar uma relação estratigráfica inequívoca com as inumações e portanto a sua associação aos rituais funerários não parece estabelecida.

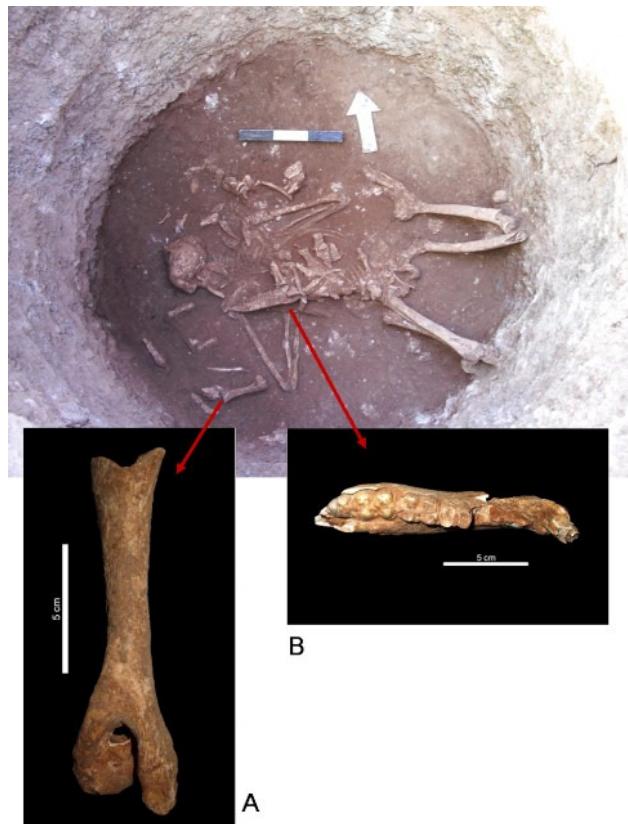


Figura 1 – Enterramento da Fossa 53 com fauna associada. A - Úmero esquerdo de *Sus* sp.; B – Mandíbula direita de *Sus* sp.

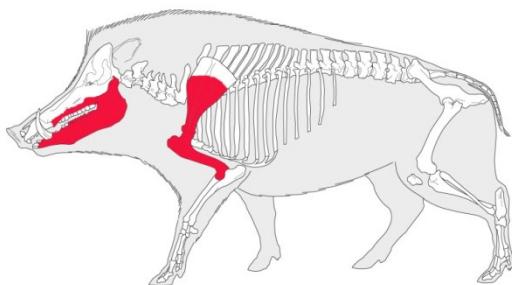


Figura 2 – Representação anatómica dos restos de *Sus* sp. recuperados na escavação da Fossa 53.

A representação anatómica não é muito variada estando presentes em todos os contextos os elementos desarticulados das patas dianteiras e, no caso da fossa 53, também alguns elementos cranianos e axiais.

Observam-se dois tipos de associação, por um lado a associação espacial de restos ao esqueleto em conjunto com o restante espólio votivo, no caso dos hipogeus, e, por outro, a deposição de restos faunísticos directamente sobre o esqueleto humano, constituindo este o único espólio votivo, como se verifica na fossa 53.

A particularidade da posição em decúbito ventral do indivíduo humano neste contexto específico da fossa 53 é encarada com reservas pois poderá resultar da rotação posterior do torso, originalmente numa posição em decúbito lateral (Valera *et al* no prelo). No entanto, a deposição dos restos de fauna desarticulada, directamente sobre o esqueleto, no lado esquerdo da região lombar, parece apontar para a deposição dos elementos faunísticos no momento da inumação. Neste caso, a posição original do corpo humano aquando da inumação seria a de decúbito ventral, acompanhado de um conjunto de fauna desarticulada.

Este ritual funerário representa, no estado actual dos nossos conhecimentos, uma particularidade, pois não é comum em contextos funerários da Idade do Bronze nem a posição do corpo humano nem a associação faunística: restos desarticulados depositados directamente sobre um esqueleto humano. No entanto, as duas espécies animais representadas no conjunto são *Sus* sp. e *Bos* sp. que são até ao momento dos poucos taxa que encontramos associados aos rituais funerários da Idade do Bronze Pleno da região do Alentejo interior, para além dos ovinos. O suíno foi registado também na Horta do Jacinto, na região de Beringel (Beja), embora representado por um esqueleto parcial (Baptista *et al*, no prelo).

Quanto aos bovídeos são o *taxon* melhor identificado em contextos funerários do Bronze Pleno e encontra-se presente nos hipogeus de Torre Velha 3 (Alves *et al*, 2010), Belmeque (Soares, 1994) e Montinhos 6 (Baptista *et al* no prelo). Em todos os casos, os restos faunísticos de bovídeos

são invariavelmente representados por rádios e ulnas desarticulados, do lado esquerdo, que constituem partes anatómicas que não encontramos no ritual da fossa 53, mas sim nas associações dos hipogeus 65 e 62, embora os elementos recuperados não reúnam condições para a identificação taxonómica. No entanto, as características gerais das diáfises de rádio apontam para animal de porte compatível com o bovídeo.

Os contextos funerários do Outeiro Alto 2, e em particular as associações faunísticas às inumações humanas em hipogeus, parecem integrar um padrão que tem vindo a ser traçado para as manifestações do Bronze Pleno da região da margem esquerda do Guadiana com a associação de rádios e ulnas de bovídeo como parte integrante do espólio votivo. A interpretação do significado destas associações encontra-se ainda em debate. Alguns autores interpretam-na como resultado de rituais de comensalidade (Aranda Jiménez e Esquivel Guerrero, 2006 e 2007). Mais recentemente, e mercê do aumento de dados empíricos, algumas alternativas têm vindo a ser exploradas tendo em conta a recorrência de deposições de humanos e animais, quer completos quer partes, em estruturas negativas; o estatuto ontológico do animal e da relação deste com o homem, e a importância da prática da segmentação como actividade social (Valera e Costa, no prelo).

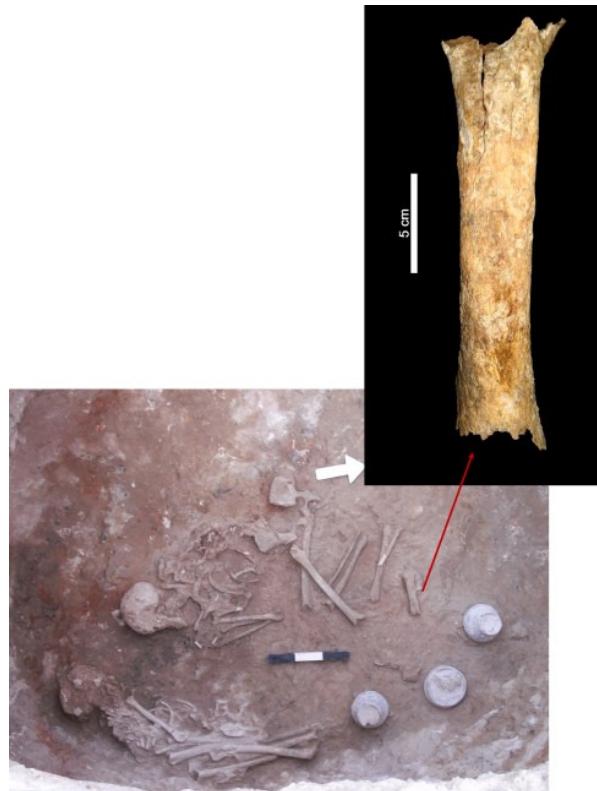


Figura 3 – Enterramento do Hipogeu 62 e diáfise de rádio de animal de grande porte.



Figura 4 – Enterramento do Hipogeu 65 e diáfise de rádio de animal de grande porte.

No entanto, no caso concreto do osso proveniente do hipogeu 65 que se encontrava num estádio de meteorização avançado, sugerindo que o elemento tenha sido incorporado no ritual em estado seco, parece colocar em causa a teoria da oferenda cárnicia. Na realidade, admitindo que os elementos faunísticos integrados nas sepulturas fariam parte de um animal sacrificado para o banquete funerário, esses mesmos elementos seriam integrados na sepultura em estado fresco, ainda com tecidos moles. Esta hipótese parece validada no caso do espólio de Montinhos 6 e Torre Velha 3 onde os rádios se encontravam em associação com a ulna e carpaíais sugerindo a deposição em articulação e portanto ainda preservando os tecidos moles (Costa e Baptista, 2012, Alves *et al.*, 2010). Pelo contrário, o que se observa no caso da diáfise de rádio do hipogeu 65 do Outeiro Alto 2 é que este elemento estaria já em estado seco, tendo já estado em exposição aos elementos atmosféricos, sugerindo que o animal ao qual pertenceria teria morrido bastante tempo antes do ritual funerário.

4. Observações finais

É já um lugar comum afirmar-se que os trabalhos de arqueologia motivados pela construção do empreendimento hidroelétrico da barragem de Alqueva permitiram uma verdadeira revolução no quadro de conhecimento da Pré-Histórica Recente da região Sul do país (Valera *et al.*, no prelo), nomeadamente com a identificação de contextos com associações de restos de fauna a inumações humanas. Este facto foi também responsável pelo despertar do interesse em estudos de carácter arqueofaunístico permitindo que muitos

sítios intervencionados em âmbito empresarial fossem estudados e publicados (Almeida e Costa, no prelo), possibilitando abrir novas perspectivas na compreensão da relação do Homem com o Animal no contexto do Sudoeste da Península Ibérica. Todavia, a qualidade destas interpretações decorrentes desses trabalhos está ligado com o cuidado e minúcia no registo de campo, nem sempre compatível com os constrangimentos inerentes ao trabalho de Arqueologia de Salvamento, mas também com a constituição de um questionário prévio adequado para o qual o especialista em arqueofaunas deverá contribuir.

A implementação de uma estratégia de valorização do contexto de proveniência dos restos faunísticos permitirá que essa informação seja usada no estudo faunístico propriamente dito permitindo, por um lado, esclarecer a natureza das acumulações e por outro fazer inferências sobre o comportamento humano que está por detrás do abandono dos restos faunísticos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, N. e COSTA, C. (no prelo) "A Arqueologia Empresarial e a Zooarqueologia em Portugal: reflexos de uma relação difícil", *Actas do 8º Encontro de Arqueologia do Algarve A Arqueologia e as outras ciências, Silves, 21, 22 e 23 de Outubro, 2010, Xelb, 11.*
- ALVES, C. COSTEIRA, C., ESTRELA, S., PORFÍRIO, E., SERRA, M., SOARES, A. M. M., MORENO-GARCÍA, M. (2010) "Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa Portugal). O Sudoeste no Sudoeste?!" *Zephyrus, LXVI*, pp. 133-153.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. e ESQUIVEL GUERRERO, J.A. (2006) "Ritual funerario y comensalidad en las sociedades de la edad del Bronce del Sureste Peninsular: la cultura de el Argar", *Trabajos de Prehistoria, 63, 2*, pp. 117-133.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. e ESQUIVEL GUERRERO, J.A. (2007) "Poder y prestigio en las sociedades de la Cultura de el Argar. El consumo comunal de bóvidos y ovicapridos en los rituales de enterramiento", *Trabajos de Prehistoria, 64, 2*, pp. 95-118.
- BAPTISTA, L., GOMES, S., COSTA, C. (no prelo) "As dinâmicas de deposição e construção no sítio pré-histórico de Horta de Jacinto (Beringel, Beja)", *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Almodôvar, 18, 19 e 20, 2010.*
- BEHRENSMEYER, A. K. (1978) "Taphonomic and ecologic information from bone weathering", *Paleobiology, 4, 2*, pp. 150-162.
- BRIDAUT, A., VIGNE, J.-D., HORARD-HERBIN, M.-P., PELLÉ, E., FIQUET, P. & MASHKOUR, M. (2000) "Wild Boar-Age at death estimates: the relevance of new modern data for archaeological skeletal material. 1- Presentation on the corpus. Dental and epiphyseal fusion ages", *Ibex. J. Mt. Ecol., 5, Anthropozoologica, 31*, pp. 11-18.
- FILIPE, V. (2010), *Minimização de Impacts sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches (Fase de Obra), Sub-bloco de Cangueiros, CP, Outeiro Alto 2 – Fase 2 Núcleo C. Relatório final dos trabalhos arqueológicos.* Policopiado.
- SOARES, A. M. (1994) "O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa", *Actas das V Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. 2*, pp. 179-197.
- VALERA, A. C. e FILIPE, V. (2010) "Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze", *Apontamentos de Arqueologia e Património, 5*, pp. 49-56.(disponível online em www.nia-era.org)

VALERA, A. C., GODINHO, R., CALVO, E., MORO
 BARRAQUERO, F. J., FILIPE, V. e SANTOS; H. (no prelo) "Um
 mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico
 Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana
 (Brinches, Serpa)" *Actas do 4º Colóquio de Arqueologia do
 Alqueva, promovido pela EDIA.*

Anexo

Quadro 1 – Listagem.

	<i>Sus</i> sp.	<i>Bos</i> sp.	<i>O.</i> <i>cuniculus</i>	Microfauna	Médio Porte	Grande Porte
Fossa 48						
Fragmentos indeterminados				10		
Fossa 53						
Fragmento de crânio					1	
Fragmento de maxilar	1					
Mandíbula direita	1					
Costelas					8	
Escápula direita	1					
Fragmento de escápula	1				1	
Epífise proximal de úmero não fusionada	1					
Úmero esquerdo	1					
Úmero esquerdo		1				
Carpal (pisiforme)		1				
Fossa 58						
Metade proximal de tíbia esquerda			1			
Astrágalo esquerdo			1			
1ª falange			1			
Fragmentos indeterminados				15		
Hipogeu 62						
Diáfise de rádio					1	
Fragmentos indeterminados					22	
Hipogeu 65						
Diáfise de rádio					1	
Total	6	2	3	25	10	24